

**A espontaneidade das vozes operárias no futebol amador em Blumenau – SC
(1950-1970)**

Cristina Ferreira
Universidade Regional de Blumenau (Furb/NEPEMOS)
FAPESC/PMUSC

Resumo: A tônica da pesquisa em foco é a análise da Cultura Associativa dos trabalhadores de Blumenau-SC e através das práticas desportivas ligadas ao futebol. No período compreendido entre 1950 e 1970 é visível a crescente dedicação ao esporte presente no cotidiano operário. O espaço para a prática esportiva era diverso, envolvendo desde clubes desportivos e recreativos ligados às empresas locais até campos improvisados nos bairros, todos capazes de agregar jogadores amadores para participar e vibrar com o esporte das multidões. As práticas desportivas geram marcas profundas na memória de trabalhadores e jogadores, afloram sentidos atrelados a ressentimentos e decepções que irrompem inesperadamente e se atualizam na espontaneidade das vozes operárias. Na maioria das vezes, o futebol e a cultura associativa beneficiam a construção de formas inéditas de realização de si, além de cooperar para a invenção de um tempo regido pelo prazer e pela amizade.

Palavras-chave: sociabilidade, cultura associativa, trabalhadores.

Introdução

“Uma encruzilhada de desejos, expectativas e frustrações”, frase de Alain Corbin pronunciada em seu livro *História dos Tempos Livres*, que parece sintetizar os dilemas em torno dos quais estiveram envolvidos os indivíduos desde o limiar do século XIX. O tempo livre é um dos temas conflitantes na discussão da Cultura Operária. De um lado, havia a preocupação com o ócio, “raiz de todos os males”, de outro, tornava-se cada vez mais intensa a reivindicação de um tempo pessoal, regido pelo prazer. Como correlato à preocupação com o ócio surgiu a iniciativa, por parte das elites, de organizar o tempo livre dos operários em forma de lazer, atribuindo ao desporto uma importância inédita. Praticamente em todos os países, no período subsequente à Segunda Guerra Mundial, houve uma generalização das férias pagas como direito previsto em legislação e, a partir de então, instituiu-se o tempo livre como direito.

A tônica da pesquisa em foco é a análise da Cultura Associativa dos trabalhadores de Blumenau, através das práticas desportivas ligadas ao futebol, no período que engloba a

década de 50 e 60. Neste contexto ocorre uma preocupação intensa dos empresários para criar espaços institucionalizados de lazer e incentivar o esporte amador entre os operários. Dentre os objetivos de tal política encontra-se a necessidade de criar laços de sociabilidade entre os operários, reforçando a imagem da fábrica enquanto uma grande família produtora e harmônica.

Este artigo problematiza a relação dos trabalhadores com suas práticas desportivas e recreativas no âmbito de uma cultura associativa, discutindo a institucionalização do esporte e as práticas associativas engendradas pelos Clubes desportivos ligados às indústrias têxteis de Blumenau-SC. Entre 1950 e 1970 surge o discurso de modernidade na região e, aos poucos, a cidade busca adequar-se aos novos padrões de progresso do mundo e do Brasil. A arquitetura local se modifica, as antigas casas coloniais cedem espaço aos edifícios, o urbanismo e a paisagem da área urbana aos poucos se transformam; a economia têxtil começa a ganhar o mercado nacional e a incrementar seu parque fabril com novas máquinas, com o objetivo de exportar seus produtos; as artes contemporâneas ingressam na cidade; a televisão e as comunicações se aperfeiçoam e assim, a modernidade avança amalgamada sobre uma cultura externa (norte-americana), que pretende livrar-se do “antigo” (tradição germânica), para buscar o novo (progresso e desenvolvimento).

A metodologia de pesquisa utilizada envolve um intenso estudo bibliográfico e teórico sobre a temática, bem como uma análise dos estatutos das associações a partir do Banco de Dados do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Movimentos Sociais (NEPEMOS). Também foi agregada ao trabalho uma pesquisa documental no Arquivo Histórico de Blumenau. Para acrescentar dados relacionados à memória, ocorreram entrevistas com os membros das associações através da História Oral. A análise dos dados foi por intermédio do método comparativo, operacionalizando-se assim a confrontação das fontes. Esta comparação forneceu múltiplas possibilidades de interpretação, porque permitiu confrontar elementos que mostram vários âmbitos do processo associativo civil, trabalhista e recreativo em Blumenau.

Desporto e sociabilidade

O surgimento de clubes de fábricas não é ocasional. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial a indústria atingiu índices relevantes de crescimento e seu auge ocorre no período conhecido como “Milagre Econômico”, a partir dos objetivos do governo militar, para quem

era necessário tornar o trabalhador mais “saudável e produtivo” através da proposta de “propiciar bem-estar físico em outro tempo da vida além do tempo de trabalho, virilizar a sociedade, dotando-a, pela prática esportiva, de disposição para trabalhar”¹.

Durante o regime militar há uma contradição visível no que se refere à organização temporal dos trabalhadores. Por um lado, a política governamental incentiva e exalta o caráter laborioso do povo brasileiro e seu papel fundamental para o desenvolvimento do país, fator que ocasionou uma drástica diminuição do tempo livre dos trabalhadores, porém impulsionou o chamado “milagre econômico”. Paralelamente, ocorre um estímulo às práticas de lazer: os sindicatos passam a receber empréstimos do governo federal para construção de espaços e programas de lazer, as empresas conquistam isenção fiscal para viabilização de locais destinados à sociabilidade e atividades de lazer de seus funcionários. Em síntese, as práticas conectadas ao tempo livre circulavam em torno das relações de incitação e recusa.

O conceito de lazer forjado neste período não estava dissociado do trabalho. Mesmo quando se falava em lazer, estava fora de cogitação colocar em xeque a construção histórica do trabalho enquanto um valor,

do processo histórico de construção de uma sociedade em que os usos do tempo livre só podem ser aceitos e consumidos quando entram no circuito de utilidade, das relações de algum modo referendadas pelo mundo do trabalho. [...] dessa civilização do trabalho molecularizada e dispersa socialmente que é produzida e recomposta incessantemente, até mesmo pelo lúdico e no tempo que se quer lúdico².

Diante desse processo de controle do tempo livre, o esporte praticado pelos operários deve garantir-se como essencialmente amador, fator que levou os trabalhadores que praticavam esporte amador a impingir a dignidade do trabalho sobre o desporto, garantindo assim a consolidação da tradição do esporte amador entre os operários. Para Pierre Bourdieu “a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes”³.

¹ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *O Prazer Justificado*. História e Lazer (São Paulo, 1969-1979). São Paulo: Marco Zero, 1992. p. 84.

² Ibid, p. 41.

³ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 140.

Por conta da conjuntura política nacional, no período entre 1950 e 1970 torna-se mais evidente a preocupação das grandes empresas têxteis de Blumenau em oferecer espaços institucionalizados de lazer para seus funcionários. Este momento histórico é marcado por um florescimento da indústria em Blumenau. Das associações recreativas e desportivas surgidas e registradas em cartório, um número expressivo foi criado por intermédio das fábricas.

Em 1952 recria-se com novo estatuto o Amazonas Esporte Clube, para congregar os funcionários da Empresa Industrial Garcia; no ano seguinte, 1953, a empresa têxtil Artex funda o América Esporte Clube; em 1956, surgiu a Associação Desportiva e Recreativa Sul Fabril, sociedade recreativa voltada aos funcionários da Empresa Sul Fabril. Em 1964, duas grandes empresas têxteis criaram seus espaços de lazer: A Cia. Têxtil Hering inaugurou a Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering e a Cremer S/A Produtos Têxteis e Cirúrgicos, o Clube Esportivo Cremer.

Através da análise dos estatutos destas associações é possível afirmar que as mesmas comungavam algumas preocupações, dentre as quais a aceitação de sócios sem distinção de nacionalidade, cor, raça, credo religioso e opção política e o incentivo ao amadorismo, bem como a proposta de coibir a introdução do profissionalismo. Estes espaços de sociabilidade dos operários acabaram por constituir uma “cultura associativa”, termo que “remete ao hábito de associar-se, de conferir uma certa institucionalidade a formas de sociabilidades diversas”⁴.

Claudio Batalha, a partir de estudos sobre a cultura associativa dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República, concluiu que esta foi a que mais se aproximou de uma cultura operária, pois através de suas celebrações conseguiu exprimir elementos comuns à toda a classe operária.

Nas Sociedades Desportivas realizam-se festas juninas, natalinas, bailes e competições esportivas. Geralmente, a direção da fábrica, além de promover as festividades, mantinha uma equipe de futebol, em alguns casos de bolão ou ciclismo, e se encarregava de patrocinar os atletas-operários nas competições.

Congregar e unir os trabalhadores em um clube cumpre alguns objetivos bem definidos, tais como: integrar os funcionários, estabelecer uma coesão entre os associados, criar um sentimento de pertencimento a um grupo e não a outro, enfim, construir uma identidade grupal. No entanto, fazer parte do grupo, participar de sua identidade requer

⁴ BATALHA, Claudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: ____; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 96.

algumas observações normativas. Os estatutos, de modo generalizado, destacam questões de ordem comportamentais vinculadas aos padrões morais estabelecidos, apontando punições e, em alguns casos, exclusão do grupo.

O fato de ter sido punido com expulsão de uma associação poderia estigmatizar para sempre o indivíduo. Na maioria dos estatutos estabelecia-se que uma das condições para a admissão de novos sócios era não ter sido expulso de uma associação congênere. Desta forma, o indivíduo era cindido por essa espécie de “rede” que visava padronizar as condutas pessoais.

O futebol era uma das práticas mais significativa para se conseguir a coesão grupal e a constituição de uma identidade coletiva. Além disso, pode-se perceber um nítido interesse das elites empresariais na promoção do futebol, buscando “uma identificação clube-empresa, suscitando a crença de que jogadores, trabalhadores e patrões formariam uma grande família. [...] O sentimento de integração poderia, assim, reduzir os conflitos no local de trabalho, otimizando a produção”⁵.

Foi justamente devido à sua função integradora que o futebol passou a ser visto com bons olhos pelos empresários, os quais começaram a garantir o apoio financeiro e organizacional necessário ao sucesso dos clubes e associações.

No entanto, a participação dos trabalhadores na constituição dos clubes era fundamental. Até mesmo a idéia de construir o clube partia dos operários, conforme a fala de um sócio-fundador: “foi onde nós pedimos o terreno pra fazer o campo, aí eles deram a máquina, cavaram o terreno, [...] e aquilo ali foi feito, plantado as graminhas tudo, tudo à mãozinha de nós, de nós operários”⁶. Porém, mesmo com tanto esforço, geralmente os trabalhadores ficavam relegados a uma posição marginal na administração do clube.

À medida que o clube crescia era necessário compor uma diretoria para gestão das atividades. Em geral, havia uma tendência para que os “diretores fossem recrutados entre os próprios quadros burocráticos da empresa, como chefes, diretores, gerentes, mestres. Também era comum que o dono da fábrica ou altos funcionários ocupassem posições de destaque na burocracia do time, como por exemplo, “presidente de honra”⁷.

Tal situação é muito evidente no Clube Esportivo Cremer onde a diretoria do Clube era formada majoritariamente por diretores da fábrica, com destaque para o presidente da

⁵ ANTUNES, Fátima. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994. p. 104.

⁶ ASSINI SOBRINHO, Luiz. Depoimento: abril, 2007. Entrevistadores: Cristina Ferreira; Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (93 min.).

⁷ Ibid, loc. cit.

empresa, Heinz Schrader, que ocupava o cargo de presidente de honra no referido Clube⁸. Para os operários, excluídos de uma participação mais efetiva na administração, restava a prática do futebol, fator de principal interesse dos mesmos.

O início de um clube, mesmo de fábrica, era modesto. A descrição das viagens dos jogadores para participação em torneios proporciona uma dimensão da precariedade e dos enfrentamentos dos trabalhadores para garantir esse prazer:

E nos íamos aos domingos, a gente saía, ia jogar bola contra o time lá não sei da onde, de várzea [...] O seu Schrader, numa ocasião, disse: olha, se quiserem pegar o caminhão da Cremer, pode pegar. Era um caminhão americano, [...] como não tinha banco não tinha nada a turma então sentava ali atrás [...]. Tinha uma turma brava lá, [...] começava a discutir ali dentro do caminhão e, não era sempre evidentemente, mas algumas vezes se pegavam ali mesmo. [...] quantas vezes eu entrava em campo pra apaziguar os ânimos, meu Deus do céu, era soco e ponta-pé, era mesmo, era violento, e por causa do outro time também. À maioria falta um esclarecimento, o pessoal era mais bruto naquela época, então tinha muita briga, mas era muito divertido!⁹.

Para além da precariedade material, vale ressaltar alguns aspectos deste depoimento. Valdir Martins, como vice-presidente do clube e diretor da fábrica, ficava incumbido de acompanhar o time nos finais de semana pelos campos de várzea. Sua *função apaziguadora* era essencial para controlar os operários considerados pelos patrões como *sem esclarecimento* e potencialmente *brutos*, tanto no caminhão pau-de-arara, como dentro das quatro linhas.

Mas deve-se lançar outro olhar para as brigas no campo durante os jogos, pois as mesmas também denotam o ato de transgredir a ordem estabelecida e liberar as posturas e pulsões, conforme se torna perceptível a partir da narração do operário:

Era uma decisão, Cremer e Artex, zero a zero, zero a zero, aí no final nós tínhamos que ganhar para ser campeão, é eles tinham que ganhar e nós também, aí deu parece um pênalti a favor da Artex, meio duvidoso, aí sei que fechou o tempo. Esse, o Heimer que era o goleiro, eu, a gente era muito

⁸ ACECREMER BLUMENAU: Associação Cultural e Esportiva Cremer. Blumenau, 1986. p. 3.

⁹ MARTINS, Valdir *Assumpção*. Depoimento: janeiro, 2007. Entrevistadores: Cristina Ferreira; Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007.

esquentado também, aí foi partimos pra cima do juiz, mas não chegamos a bater nada, aí ele deu queixa, fomos chamados na delegacia [...]. Aí a empresa colocou advogado para nos defender, seu Alfredo colocou a disposição o advogado da empresa [...]. Eu peguei um ano de suspensão do futebol, não disputava nem campeonato do SESI, nem da segunda divisão que eu disputava também, fiquei um ano fora pendurado, na época eu jogava no Serrinha, fiquei um ano fora¹⁰.

Com o passar do tempo, os Clubes de fábrica também se tornaram alvo de investimentos. A mudança foi significativa na década do “Milagre Econômico”. Os atletas eram premiados simbolicamente com viagens e incentivados a competirem em outras cidades e estados.

Paulatinamente o próprio futebol passou por um processo de democratização e, se na primeira metade do século XX incorporou os negros, agora era a vez das mulheres, conforme narrativa do operário treinador do time feminino.

Eu fiz o time de senhoras, fui o único, o único em Blumenau, o único, a única pessoa em Blumenau que tinha um time de mulheres pra jogar futebol. [...] Eu tinha trinta e seis mulheres entre casadas, solteiras, meninas de catorze e quinze anos, naquele tempo podia trabalhar com quatorze anos [...]. Ah, nós fizemos duas preliminares no Olímpico, aquilo foi um sucesso, foi um sucesso, veio jogar aqui um time de fora aqui uma vez aí, não sei se foi o Santos, no Olímpico, nós fizemos a preliminar¹¹.

O futebol amador praticado pelos operários era organizado pelas próprias associações em competições inter-empresas. Mas neste período, o SESI (Serviço Social da Indústria) também exerceu importante papel na organização dos torneios de futebol entre os operários, conforme revela o Informativo Hering:

Realizou-se dias 20 e 21 de Junho do corrente ano no Estádio Aderbal Ramos da Silva o torneio de Futebol “Associação das Indústrias de Blumenau, promovido pelo Núcleo Regional do SESI de Blumenau. [...] Merecedor de menção especial, é, também, o Núcleo regional do SESI de

¹⁰ *ERTHAL, Paulo*. Depoimento: fevereiro, 2007. Entrevistador: Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (37 min.)

¹¹ *ASSINI SOBRINHO, Luiz*. Ibid.

Blumenau, pelo bonito espetáculo esportivo que proporcionou aos operários das Indústrias de Blumenau¹².

O SESI foi a instituição aglutinadora dos diversos esportes praticados pelos operários. A constituição do SESI em Blumenau foi uma iniciativa empresarial e esse empreendimento denota a ingerência e o investimento do patronato sobre o tempo livre dos operários. A gestão do tempo livre dos trabalhadores tornou-se uma urgência, “por isso foi feito o SESI lá embaixo, o campo. Daí o Alfredo Bernardo Werner, que era o dono da Electro Aço, também era um esportista, gostava do esporte, foi onde ele fundou, também era do SESI, era o diretor [...], fez o campo lá, e lá então era só pros operários jogar, só”¹³.

No entanto, a ambição das elites industriais em organizar e gerir o tempo livre dos trabalhadores deve ser relativizada. Por todos os bairros da cidade multiplicavam-se os campos de várzea organizados pelos próprios operários. A classe trabalhadora numa atitude criativa *driblou* a pretensão patronal de açambarcar todo seu tempo de vida e constituiu seus próprios espaços de sociabilidade.

Futebol e usos da memória

O futebol era capaz de apaixonar e mover os operários a aventurar-se pelos caminhos da bola. Mas, os jornais de fábrica raramente retratavam ou noticiavam tais aventuras, pois seu objetivo principal era enaltecer o trabalho e não o lazer. O trecho a seguir é um dos raros relatos sobre as aventuras dos operários-jogadores. O escritor instiga o leitor a imaginar, tal como em um quadro, a viagem pitoresca:

No dia 4 de Dezembro do ano que passou [1966], atendendo a um convite formulado S. E. Palmeiras (Rio dos Cedros), o Clube Esportivo Cremer deslocou-se de Blumenau a fim de efetuar uma partida de honra contra o time da casa, que promoveu um monumental torneio de Futebol. [...] Anormalidades não houve. [...] Recordando o belo domingo do dia 4, citaremos alguns fatos pitorescos: a primeira recordação é dedicada ao Valmor, pois ele deixou alguém com saudades. Morena bonita, não é, Valmor? Hoje em dia ainda tem gente cansada, pois vocês já calcularam o que é subir a serra do Palmeiras a pé?

¹² *INFORMATIVO HERING*. Blumenau: 1962. Nº 1, p. 03.

¹³ *ASSINI SOBRINHO, Luiz. op. cit.*

Na volta uns e outros fretaram uma camionete, pois não queriam descer a serra com o ônibus. Nunca vi tanto casado pensando na família. O ônibus quando estava descendo a serra, mais parecia um velório. Ninguém olhava pra ninguém. O nosso amigo Lila, que juntamente com outros fretou uma camionete, quando estava no pé da serra suspirou aliviado. Quando ele olhou para cima e viu o ônibus descer, falou o seguinte: Turma, vamos sentar aqui e rezar. E o padre Lila rezou mesmo¹⁴.

Estes momentos de aventura são sintomas do prazer proporcionado pelo futebol. Uma partida de futebol não era somente uma competição, mas um momento de compartilhar os melhores momentos da vida convivendo com os amigos.

Os domingos eram especiais para os operários, era o dia de lotar o caminhão pau-de-arara e sair pelos campos de várzea. Nos pequenos clubes quase todos os domingos havia torneios, na maioria das vezes, para arrecadar fundos para os clubes com dificuldades financeiras. Um destes clubes era o Canto do Rio Futebol Clube, situado na região industrial do bairro Garcia, como o próprio nome sugere era um clube de várzea. Logo após os jogos de futebol, o destino não era o vestiário:

Não tinha um vestuário [...]. Banho era no rio, chuveiro, chuveiro era o rio, aquilo lá era gostoso o pessoal vinha e se jogava lá na água, aquela época a água era limpinha e era fundo ali perto da pontinha, da ponte, tinha um poço bom ali, oh a turma gostava de tomar banho ali, num calor desse, [...] saía do campo, às vezes chegava e se jogava com roupa e tudo. [...] ah, depois do jogo ia pro rio¹⁵.

Em geral, sempre tinha domingueira, terminava o jogo, nós tava doido que terminasse o jogo pra já ir pro salão. Tomava banho, botava a roupa e ia ao salão, pra dançar. Era um tempo divertido¹⁶.

As narrações acima demonstram que os trabalhadores se esforçaram para criar uma nova relação como o tempo. “Esse tempo, regido pelo prazer, é do gozo proporcionado pela

¹⁴ NOTICIÁRIO CREMER, 1967, Ano II, p. 15.

¹⁵ HODECKER, João. Depoimento: fevereiro, 2007. Entrevistador: Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2007. Digital (45 min.)

¹⁶ SESTREM, Antonio. Depoimento: fevereiro, 2007. Entrevistador: Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (106 min.)

expressão e realização de si com espontaneidade: satisfação temporal que implica esquecer o tempo para criar e dominar o tempo próprio”¹⁷.

As lembranças dos operários revelam a riqueza e diversidade de sentimentos suscitados no ambiente associativo e nas práticas desportivas. As recordações dos tempos de outrora demonstram a vivacidade da memória que não cessa de irromper quando estimulada.

Mas, por outro lado, a memória dos operários não é somente constituída de alegrias e bons sentimentos. Há muitas zonas sombrias e ressentimentos¹⁸ de um passado que ainda não passou totalmente, ou que se atualiza no presente através de “memórias subterrâneas”¹⁹ (POLLAK, 1989). O trabalho de historiar tais memórias encontra muitas resistências, pois, na maioria das vezes, os sujeitos sociais vêm na resignação e no silêncio, a oportunidade de esquecer as experiências mal resolvidas do passado. Mas não se pode minimizar o desejo de tais memórias de serem historicizadas, de reivindicarem o “direito à cidadania no discurso historiográfico”. Neste sentido, ressalta-se uma experiência ilustrativa destes usos conflitantes da memória.

Um dos entrevistados, Valdir Kluge, era integrante da equipe de ciclismo da Indústria Têxtil Cia. Hering. Filho de operário conseguiu uma vaga no curso de mecânica no SENAI, desde muito jovem passou a trabalhar na oficina da fábrica e lá permaneceu durante trinta e três anos. Quando questionado sobre o papel da Hering em sua trajetória ele afirma:

Isso aí foi a escola da vida porque o estudo que eu fiz até aí, o SENAI e os estudos anteriores me servirão lógico, foi a minha base né, mas a escola da vida mesmo pra mim foi a Indústria Têxtil Hering. [...] Naquela época eles investiam muito no bom funcionário. [...] Então graças à Hering, isso eu devo à Hering, sinceramente, pra mim valeu a pena ter trabalhado dentro da Hering²⁰.

No entanto, o discurso afirmativo sobre a fábrica mudou de rumo quando se relaciona a fábrica com seu esporte predileto e alvo de sua paixão, o ciclismo. A fábrica, e

¹⁷ CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres*. O advento do lazer. Lisboa: Editorial Teorema, 2001. p. 14.

¹⁸ ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) *Memória e (re)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

¹⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

²⁰ KLUGE, Valdir. Depoimento: janeiro, 2007. Entrevistadores: Cristina Ferreira; Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (60 min.).

principalmente seu superior na oficina, não incentivava muito o ciclismo e ainda não autorizava os atletas a competirem, nem mesmo na tradicional corrida que acontecia dia 09 de março na cidade de Joinvile.

Eu comecei em 1964 e parei em 1971. [...] o chefe da oficina não liberava pra 09 de março lá em Joinvile, o aniversário da cidade é 09 de março, ainda existe hoje em dia essa prova. Não queria me liberar pra ir correr lá, não tinha incentivo. O próprio chefe não me estimulava nem um pouco, pelo contrário, dizia: não, larga disso, isso não te dá futuro nenhum²¹.

As declarações de Valdir Kluge permitem refletir sobre os fatos que estão na origem dos ressentimentos. Mesmo com o passar do tempo tais recordações ainda estão repletas de uma carga afetiva. Para este atleta-operário seu superior não tinha o direito de interferir nas escolhas que diziam respeito a seu futuro, ainda mais quando este se relacionava com o ciclismo, que continua sendo a sua paixão. Isto é sinal de que “não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade e, ainda que a integralidade do passado esteja irremediavelmente perdida, aquilo que retoma vem inteiro”²².

Considerações finais

Nas duas décadas estudadas foi possível perceber que um número expressivo de empresas, em sua maioria têxteis, fundou associações desportivas e recreativas para seus funcionários. A documentação estatutária das associações previa que só poderia ser sócio quem tivesse uma “profissão idônea e definida”, desta forma o lazer estava condicionado ao imperativo do trabalho. Nos clubes ligados às empresas praticavam-se vários esportes, com destaque para o futebol, o ciclismo e o bolão. As competições desportivas eram realizadas, na maioria das vezes, entre equipes classistas. No entanto, grande parte dos torneios e campeonatos era realizada pelo SESI (Serviço Social da Indústria). As empresas às vezes se encarregavam de patrocinar seus atletas em viagens a outras cidades para as competições esportivas. Procurava-se de todas as formas “desenvolver a educação física” incentivando o amadorismo e na mesma escala coibindo a entrada do profissionalismo.

²¹ Ibid, loc. cit.

²² SEIXAS, Jaci Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) *Memória e (re)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 47.

O desporto emerge como uma invenção da modernidade, logo os trabalhadores criaram uma relação intensa com práticas corporais como o futebol e o ciclismo. A fábrica era um importante meio de difusão e popularização dos desportos.

Em Blumenau, no período estudado, há uma visível preocupação das elites industriais em gerir o tempo livre dos trabalhadores através do lazer, pois este cria “hábitos desejáveis” ao moralizar as condutas. A maior evidência deste projeto de aculturação é a criação do SESI. Simultaneamente tornou-se perceptível a presença de um discurso que enaltecia o amadorismo.

A Cultura Associativa dos trabalhadores é marcada por tensões e contradições. As associações recreativas vinculadas às empresas procuravam imprimir um caráter familiar nas suas atividades produzindo em seus membros um forte sentimento de pertencimento ao grupo, sustentado pelo discurso da coesão grupal. Tal caráter familiar evoluía para uma relação paternalista, sendo que o clube simbolizava o elo de ligação desta relação. Para as empresas, ter um atleta vencedor defendendo suas cores era símbolo de prestígio, na medida em que divulgava o nome da empresa e corroborava com uma suposta condição harmônica e ausente de conflitos entre operários e patrões.

As práticas desportivas deixaram marcas profundas na memória dos operários, muitas vezes contribuíram para constituir zonas sombrias e ressentimentos que irrompem inesperadamente e se atualizam na espontaneidade das vozes operárias. Mas, na maioria das vezes, contribuíram para construir formas inéditas de realização de si, cooperaram para a invenção de um tempo regido pelo prazer e pela amizade. Para os trabalhadores, o esporte, para além da competição, era uma oportunidade para a aventura, porque representava liberação das posturas – muitas vezes a transgressão – e a ocasião oportuna para vivenciar os melhores momentos da vida compartilhados com os amigos.

Bibliografia

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. *In*: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

ANTUNES, Fátima. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994.

BATALHA, Claudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: ____; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de Sociologia*. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CORBIN, Alain. *História dos Tempos Livres: o advento do lazer*. Lisboa: Editorial Teorema, 2001.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de classe: Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O Prazer Justificado*. História e Lazer (São Paulo, 1969-1979). São Paulo: Marco Zero, 1992.

SEIXAS, Jaci Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

Fontes

JORNAIS/DOCUMENTOS

ACECREMER BLUMENAU, Associação Cultural e Esportiva Cremer. 1986.

INFORMATIVO HERING, 1964-1970.

NOTICIÁRIO CREMER, 1965-1970.

ENTREVISTAS

ASSINI SOBRINHO, Luiz. Depoimento: abril, 2007. Entrevistadores: Cristina Ferreira; Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (93 min.) Entrevista concedida ao projeto A Cultura Associativa dos Trabalhadores em Blumenau.

ERTHAL, Paulo. Depoimento: fevereiro, 2007. Entrevistador: Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (37 min.) Entrevista concedida ao projeto A Cultura Associativa dos Trabalhadores em Blumenau.

HODECKER, João. Depoimento: fevereiro, 2007. Entrevistador: Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS/FURB, 2007. Digital (45 min.) Entrevista concedida ao projeto A Cultura Associativa dos Trabalhadores em Blumenau.

MARTINS, Valdir Assumpção. Depoimento: janeiro, 2007. Entrevistadores: Cristina Ferreira; Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (110 min.) Entrevista concedida ao projeto A Cultura Associativa dos Trabalhadores em Blumenau.

KLUGE, Valdir. Depoimento: janeiro, 2007. Entrevistadores: Cristina Ferreira; Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (60 min.) Entrevista concedida ao projeto A Cultura Associativa dos Trabalhadores em Blumenau.

SESTREM, Antonio. Depoimento: fevereiro, 2007. Entrevistador: Edison Lucas Fabrício. Blumenau: NEPEMOS, 2007. Digital (106 min.) Entrevista concedida ao projeto A Cultura Associativa dos Trabalhadores em Blumenau.